*Revista Brasileira de Linguística Aplicada*
ISSN: 1984-6398
v. 24, n. 2, 2024, e22551
https://doi.org/10.1590/1984-6398202422551

Artigo

# O poder público é um agente mirando um fuzil para a favela: metáforas de uma necropolítica brasileira

## *The State is an Agent Aiming a Rifle at the Favela: Metaphors of a Brazilian Necropolitics*

Emerson Cristian Pereira dos Santos*
*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Iguatu, Ceará / Brasil
em.cristian@gmail.com
http://orcid.org/0000-0002-1665-9358

Paula Lenz Costa Lima**
**Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará / Brasil
paulalenzcostalima@gmail.com
http://orcid.org/0000-0002-3289-1472

**RESUMO:** Em um contexto crítico como o de pandemia de Covid-19, o Estado brasileiro deveria assumir papel decisivo na assistência de pessoas expostas à vulnerabilidade social. A partir da fala de moradores de favela, mapeamos problemas sociais gerados ou agravados na pandemia de Covid-19, e identificamos representações cognitivo-discursivas, via metáforas, as quais demonstram que, conforme a visão desses moradores, o regime político do país está pautado na institucionalização e naturalização de formas de matar, de promover a morte e de deixar morrer grupos específicos de pessoas. Esses resultados mostram a maneira pela qual os agentes sociais representam o abandono, a negligência, a violência e os muitos problemas ocasionados por uma possível necropolítica estatal.

**PALAVRAS-CHAVE:** necropolítica; metáforas; problemas sociais.

**ABSTRACT:** In a critical context such as the pandemic, the Brazilian state should assume a decisive role in assisting people exposed to social vulnerability. From the speech of favela residents, we mapped social problems generated or worsened in the Covid-19 pandemic, and we identified cognitive-discursive representations, through metaphors, which demonstrate that, according to the view of these residents, the political regime of the country is based on the institutionalization and naturalization of ways of killing, of furthering of death, and of letting specific groups of people die. These results show the way in which social agents represent abandonment, neglection, violence, and the many problems caused by a possible state necropolitics.

**KEYWORDS:** necropolitics; metaphors; social problems.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# 1 Introdução

Final de maio de 2022, e mais um assassinato no Brasil chama a atenção da mídia mundial. A vítima do crime, Genivaldo de Jesus, negro, diagnosticado com esquizofrenia; o autor do crime, o próprio Estado. Genivaldo fora morto por três agentes da Polícia Rodoviária Federal (PRF) em serviço, quando dispararam granadas de gás dentro da viatura na qual havia sido colocado. Entre os noticiários, destacamos: (i) "O Brasil é um campo de extermínio!"[1] (Souza, 2022; Malleret, 2022); (ii) "Homem morre em câmara de gás de viatura de polícia"[2] (Man [...], 2022); (iii) "Morte 'brutal' e 'chocante' de Genivaldo na câmara de gás da PRF ganha repercussão mundial" (Morte [...], 2022).

Esse não é o primeiro caso de violência estatal a fazer com que os holofotes midiáticos do mundo foquem o solo brasileiro. Se considerarmos alguns noticiários estrangeiros sobre alguns dos casos que mais causaram comoção em um recorte temporal que envolve o período de pandemia de Covid-19, perceberemos que o Estado brasileiro permaneceu hostil a um grupo específico de pessoas, especialmente os de periferias urbanas: (iv) "Em vez de médicos, mandam polícia para nos matar"[3] (Briso, 2020); (v) "[...] um ataque urbano que culminou com a carnificina deste mês em Jacarezinho"[4] (McCoy, 2021); (vi) "No final da carnificina, pelo menos 23 pessoas morreram e 5, incluindo um policial, ficaram feridas"[5] (Muñoz, 2022).

Os trechos citados nos parágrafos anteriores possuem muitas coisas em comum, mas citamos duas para nossa discussão: relatam um dos problemas agravados na pandemia de Covid-19 em áreas socialmente vulnerabilizadas e usam metáforas que surgiram de experiências sociais reais para representar os problemas. Os trechos (i), (ii) e (iii) recuperam um dos piores e mais tristes episódios da história da humanidade: o assassinato em massa de judeus em câmaras de gás e em campos de extermínio pelo nazismo. A partir de duas experiências sociais, as representações metafóricas nesses trechos são a de um Brasil assassino que se apropria de tecnologias de morte desenvolvidas pelo nazismo. O item (iv) faz referência a uma operação policial no Complexo do Alemão (RJ), em 15 de maio de 2020, que resultou em treze mortes. No excerto, o morador é representado como alguém que espera ser morto pela polícia, ao invés de ser atendido por médicos. Os trechos (v) e (vi) referem-se a duas operações policiais ocorridas, respectivamente, em 6 de maio de 2021, na favela do Jacarezinho, e em 24 de maio de 2022, na Vila Cruzeiro. A primeira, até então a mais letal da história do Rio de Janeiro, teve como resultado 28 mortos, enquanto a da Vila Cruzeiro, a segunda mais letal, deixou 23 mortos. Nessas experiências, ao usar o item lexical "carnificina", as metáforas dos trechos (v) e (vi) representam operações militares não como uma política de segurança pública, mas como uma sangrenta matança de guerra.

Neste trabalho, levantamos a hipótese de que muitos problemas em áreas vulnerabilizadas são, em última instância, reflexos da necropolítica. Tal hipótese não limita a percepção a uma esfera política ou governos específicos, mas carrega a concepção de que as estruturas do Estado brasileiro podem, em alguma

[1] Original: "Brazil is an extermination camp!"

[2] Original: "Man dies in police car 'gas chamber'."

[3] Original: "Instead of doctors, they send police to kill us."

[4] Original: "[...] in an urban onslaught that culminated with this month's carnage in Jacarezinho."

[5] Original: "At the end of the carnage, at least 23 people were dead and 5, including a police officer, injured."

medida, evidenciar práticas necropolíticas. Essas alegações não são fortuitas, mas estão alinhadas com pressupostos de dois pensadores usados neste trabalho: Foucault (2005) e Mbembe (2019).

Para Foucault (2005), praticamente não existe funcionamento moderno do Estado sem que este passe pelo racismo. Já na perspectiva de Mbembe (2019), a necropolítica emerge como dispositivo político que opera pelo racismo. Portanto, é provável que a necropolítica seja um mecanismo que permeia várias estruturas do Estado brasileiro (Executivo, Legislativo e Judiciário), principalmente as que possuem o poder de tomar decisões que afetam diretamente a vida das pessoas: políticas de segurança, de saúde, habitacionais, dentre outras. Obviamente, isso não impede a compreensão de que há agentes políticos que, abertamente, ativam a necropolítica. Por exemplo, embora não seja matéria de discussão neste trabalho, há fortes evidências de que o então presidente Bolsonaro ativou a necropolítica em seu governo, fazendo uso, inclusive, da pandemia de Covid-19. Porém, ainda que usemos indicadores fornecidos no período da pandemia, o qual se deu simultaneamente com o período do governo Bolsonaro, nossa hipótese permite diálogos crítico-científicos muito mais aprofundados sobre as históricas injustiças sociais brasileiras geradas pela identidade política do Estado, de modo geral.

Nosso objetivo é mapear evidências de experiências necropolíticas em problemas sociais gerados ou agravados na pandemia em áreas socialmente vulnerabilizadas, a partir de representações cognitivo-discursivas descortinadas das falas de moradores de favelas do Complexo do Alemão, participantes da mesa *online* "Diálogos sobre moradia e Covid-19: limites do isolamento nas favelas", promovida pela Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), em 2020. Nossas diretrizes foram traçadas pelas perguntas "que metáforas são usadas para estruturar os problemas em áreas vulnerabilizadas?" e "que tipo de relação entre periferias e o Estado brasileiro é evidenciada pelo léxico usado por moradores de favela quando falam de seus problemas sociais?".

Por possuírem uma relação intrínseca, três dimensões são importantes nesta pesquisa: a cognitiva, a discursiva e a social. Para dar conta dessa relação, conduzimos o trabalho pelo diálogo entre Linguística Cognitiva (LC) e Análise de Discurso Crítica (ADC). E como nosso problema de pesquisa é de ordem social, usamos a necropolítica mbembeana como categoria analítica e como plano de fundo para fundamentar nossas discussões críticas sobre os resultados. A propósito, este é fio condutor desta pesquisa e que o leitor precisa ter em mente: "[...] nossos problemas de pesquisa são de ordem social e não linguística – a linguística nos serve de ferramenta fundamental para a investigação de problemas sociais, o que só é possível graças à centralidade do discurso no funcionamento da sociedade" (Resende, 2017, p. 46).

Na primeira parte do artigo, apresentamos os aspectos mais teóricos, partindo de um breve resumo sobre a conexão entre a LC e a ADC, o conceito de necropolítica, alguns construtos da LC e os pressupostos da ADC aplicados na análise. Na segunda, apresentamos os aspectos metodológicos, os resultados das análises, a discussão e nossas considerações finais.

## 2 Linguística Cognitiva e Análise de Discurso Crítica

A articulação entre LC e ADC é produtiva, e vários estudiosos têm feito essa conexão com o objetivo de compreender, explicar, expor e denunciar injustiças sociais. Entre eles, destacamos Santa Ana (1999) e

Charteris-Black (2006), que exploraram o papel das metáforas conceituais em discursos públicos e políticos sobre imigração nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, respectivamente.

Santa Ana (1999) analisou metáforas racistas usadas para caracterizar imigrantes na Califórnia em textos publicados pelo jornal *Los Angeles Times* em período político, revelando como o léxico selecionado pelos jornais desumanizava trabalhadores imigrantes, conforme vemos em "Uma vez que o **apetite** do eleitorado tenha sido **aguçado** com **a carne vermelha** da deportação como uma opção política viável"[6] (Santa Ana, 1999, p. 200-201, grifos do autor). Aqui, as palavras "apetite", "aguçado" e "carne vermelha" evidenciam uma representação na qual imigrantes são compreendidos como animais, enquanto americanos são entendidos como consumidores da carne animal, revelando a metáfora conceitual IMIGRANTES SÃO ANIMAIS.[7] Santa Ana (1999) identificou mais de 50 metáforas racistas, e observou que elas tanto mostram o desprezo e o racismo quanto refletem a opinião pública da Califórnia em relação a imigrantes.

Charteris-Black (2006) explorou a relação das metáforas conceituais com as palavras "imigrante" e "imigração" usadas por políticos de centro-direita e de extrema direita durante a campanha eleitoral britânica de 2005. Assim como Santa Ana (1999), Charteris-Black (2006) iniciou seu estudo analisando as palavras "imigrante" e "imigração", e teve pelo menos dois objetivos: investigar qual dos itens lexicais era mais usado pela extrema-direita e pelos políticos de centro-direita; e verificar a relação dessas palavras com suas metáforas conceituais subjacentes.

Os primeiros resultados mostraram que os políticos de centro-direita focavam essencialmente o processo (imigração), sendo raríssimo o foco nos agentes; enquanto os de extrema-direita fizeram o caminho inverso, por isso "imigrante" foi a palavra mais recorrente em seus discursos. O autor notou também que, diferente de Santa Ana (1999), não foram encontradas metáforas racistas em seu *corpus*. Sua pesquisa mostrou que a direita britânica produziu metáforas do tipo IMIGRAÇÃO É UM DESASTRE NATURAL – mais comum nos discursos da extrema-direita – e A GRÃ-BRETANHA É UM RECIPIENTE – mais comum nos discursos de centro-direita. Com os resultados, e a partir de uma análise crítica da metáfora, o autor chega à conclusão de que, no caso do discurso da direita britânica, "[o] que as metáforas do 'desastre natural' e do 'recipiente' têm em comum é que elas desencorajam a empatia com os imigrantes, tratando-os como objetos e não como sujeitos de histórias de vida"[8] (Charteris-Black, 2006, p. 569). Em suma, além de proporcionar um engajamento na discussão, sua estratégia de análise crítica baseada na relação entre as palavras "imigrante" e "imigração" com suas metáforas conceituais o fizeram presumir a formação da legitimidade da direita britânica.

Santa Ana (1999) e Charteris-Black (2006) analisaram a relação do léxico (nível textual) com metáforas conceituais (nível cognitivo) para compreenderem injustiças, discriminações e comportamentos sociais (nível social). Seguimos o mesmo princípio: estudamos nosso objeto de pesquisa estabelecendo uma relação entre palavras/complexos de palavras com metáforas conceituais e situadas para mapearmos evidências de experiências necropolíticas em áreas socialmente vulnerabilizadas e chegarmos a algumas

[6] Original: "Once the electorate's **appetite** has been **whet** with **the red meat** of deportation as a viable policy option."

[7] Na Linguística Cognitiva, para representar conceitos e estruturas conceituais, usa-se caixa-alta.

[8] Original: "What both 'disaster' and 'container' metaphors have in common is that they discourage empathy with immigrants by treating them as objects, rather than as the subjects of life stories."

conclusões sobre a nossa hipótese de que muitos problemas em áreas vulnerabilizadas são reflexos da necropolítica.

## 3 Biopolítica e necropolítica: da gestão da vida à gestão da morte

O poder é compreendido por Foucault (1990, 2005, 2014) como um exercício assimétrico onde quer que existam relações sociais, desde aquelas que organizam e conduzem as políticas de Estado/governo, às constituídas de "micropoderes", tais como as observadas nas fábricas, espaços religiosos, presídios ou mesmo nos círculos familiares. Foucault (1990) não vislumbra o tecido social sem que este seja constituído de micropoderes. Em síntese, qualquer relação social é atada pelos nós do poder.

Essa lógica permitiu a Foucault (1990, 2005, 2014) problematizar a atuação do poder político sobre os corpos. Sua leitura é a de que as tecnologias de poder, pelas quais os corpos são instrumentalizados, dominados, controlados, disciplinados e normatizados, variam conforme as sociedades também variam. O autor observa que, até o século XVIII, aos monarcas era outorgado fazer do corpo de quem colocasse sua vida em risco o espaço do martírio, a dimensão do suplício, o ambiente para torturar e afligir o corpo com pequenas doses de tormento, até que ele colapsasse em morte. Todo o processo de suplício era responsável por fazer ecoar entre os súditos a lógica soberana do poder de morte sobre os corpos considerados transgressores, quase sempre esquartejados ou decapitados.

Mais tarde, a soma do capitalismo com o surgimento das cidades modernas proporcionou uma ruptura do poder soberano, pois não havia mais ambiente para fazer do corpo do outro um espaço de tortura pública. Sua eliminação se tornava incoerente em um contexto no qual a concepção era a de que, para garantir produtividade e atender aos interesses do capital, os corpos deveriam ser marcados pela disciplina, não pela morte. Daí, segundo Foucault (2014), surge o poder disciplinar. Enquanto o poder soberano imprimia a punição física como resposta à transgressão, a mais alta expressão do poder disciplinar passa a ser a docilização dos corpos, potencializada pela atuação das instituições disciplinares sobre o sujeito: escolas, fábricas, prisões, quartéis, ambientes religiosos, dentre outros.

É também em meados do século XVIII que as alterações nas práticas governamentais começam a dar contornos mais amplos na produção de políticas voltadas para a população. Essas alterações começam a ter importância com os avanços da medicina, da biologia, da estatística e de outras áreas da ciência voltadas para a vida como espécie. É nesse período que o poder passa a estruturar a regulação do ser humano como espécie biológica. A disciplina, outrora otimizada pelo poder disciplinar, possui utilidade nessa nova relação de poder que objetiva a gestão da vida em uma escala mais ampla e plural. Essa nova tecnologia, Foucault (2005) chama de biopoder. Diferente dos outros dois, este último recai sobre o controle político da população, motivo pelo qual se manifesta como biopolítica, responsável por desenvolver as políticas públicas de natalidade, mortalidade, saúde, longevidade, segurança, higiene, moradia, educação, assistência social, entre tantas outras.

Embora a morte não seja uma "retribuição" do biopoder, Foucault (2005) destaca que ela pode ser acionada por esse dispositivo. Por isso, "fazer viver e deixar morrer" também são propriedades do biopoder

(Foucault, 2005). Mas se esta é a tecnologia pela qual se garante a vida, por que ela pode deixar morrer? A interpretação de Foucault (2005) para o desvio de conduta do biopoder é a de que isso ocorre em virtude de o Estado possuir uma função homicida acionada pelo racismo. É o racismo o instrumento político-científico do biopoder para naturalizar e fomentar a morte com base no critério biologizante. A partir dessas ideias, o filósofo, cientista político e professor camaronês Achille Mbembe desenvolve o conceito de necropolítica para fazer referência à maneira pela qual o poder mata, promove a morte e deixa que se criem condições para que grupos específicos de pessoas morram.

Para Mbembe (2019), o biopoder foucaultiano não consegue explicar conjunturas nas quais o objetivo político é matar ou gerar condições para que pessoas possuam uma relação muito mais próxima da morte do que da vida, sendo o racismo a tecnologia responsável por organizar essa relação. Mbembe (2019) cita como exemplo o regime nazista, que usou o governo para matar e promover a morte de milhões de judeus; e o mundo escravocrata, que escravizou e matou milhares de africanos durante séculos. Na concepção de Mbembe (2019), nesses contextos, a biopolítica deixa lacunas, se usada para explicar o fenômeno da morte.

Mbembe (2019) destaca que a necropolítica também desenvolve (ou deixa que se desenvolvam) condições para que os conceitos de vida e morte, em determinados espaços sociais, sejam tão próximos um do outro a ponto de se confundirem, gerando "[...] novas e únicas formas de existência social em que vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de mortos-vivos"[9] (Mbembe, 2019, p. 92). Logo, na necropolítica, os principais aforismos que balizam os vereditos sobre os corpos são "[...] quem pode viver e quem deve morrer",[10] "[...] quem importa e quem não importa, quem é descartável e quem não é"[11] (Mbembe, 2019, p. 66; 80). E, ao acionar o racismo, o poder estatal não só indica quais corpos podem viver e quais devem ser alvos de violação, mas age para que eles sejam vistos como matáveis.

Em suma, o conceito de necropolítica de Mbembe (2019) amplia o caminho aberto por Foucault (1990, 2005, 2014) para que sejam discutidas questões de racismo, mortes, violência seletiva e injustiça em espaços ocupados por grupos sociais muito específicos.

## 4 A Linguística Cognitiva e a Teoria da Metáfora Conceitual

A LC configura-se como uma conjunção de várias abordagens, as quais compartilham os mesmos princípios em suas preocupações. A Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), por exemplo, tem mostrado a forma pela qual experiências corpóreas, sociais e culturais atuam diretamente na estruturação do pensamento e do conhecimento. Lakoff e Johnson (2003) mostram como o conceito DISCUSSÃO é estruturado em termos de GUERRA. Expressões cotidianas como "ele atacou os pontos fracos de seu argumento" e "seu discurso atingiu o coração do inimigo" evidenciam a relação conceitual entre um domínio-alvo e um domínio-fonte, cujo mapeamento entre seus conceitos sugere a existência da metáfora

[9] Original: "[...] new and unique forms of social existence in which vast populations are subjected to living conditions that confer upon them the status of the living dead."

[10] Original: "[...] who is able to live and who must die."

[11] Original: "[...] who matters and who does not, who is disposable and who is not."

conceitual DISCUSSÃO É GUERRA. Com essa perspectiva, a metáfora deixa de ser entendida como mera figura de linguagem, e passa a ser vista como um fenômeno natural da cognição humana.

A Hipótese da Metáfora Primária (HMP), de Grady (1997), surgiu para preencher algumas lacunas da TMC. Em sua proposta inicial, Lakoff e Johnson (2003) sugerem que a metáfora consiste em associações entre um domínio de conhecimento mais delineado e um mais abstrato. O primeiro é usado para a compreensão do último, dado que o domínio-fonte seria mais familiar a nossas experiências cotidianas; enquanto o domínio-alvo seria mais abstrato, não tão comum à nossa compreensão. Assim entendida, a metáfora tanto revela a maneira pela qual experienciamos o mundo quanto é uma parte das estruturas responsáveis por organizar nossa cognição.

Apesar dessa inovação, foram identificados problemas na base teórico-analítica da TMC. Para Grady (1997), a distinção entre domínio-fonte e domínio-alvo não tem a ver com o quão mais abstrato ou mais delineado o conceito é, como faziam Lakoff e Johnson (2003), mas com o grau de subjetividade (Lima, 1999). Segundo Grady (1997), a metáfora é um mecanismo cognitivo pelo qual usamos um domínio de experiência sensório-motora (o domínio-fonte) para estruturar conceitualmente um domínio de experiência subjetiva, ou de julgamento subjetivo (o domínio-alvo), entendimento adotado mais tarde por Lakoff e Johnson (1999) em uma versão reformulada da TMC. Lima (1999, p. 23) cita três principais fatores relacionados aos pontos mais críticos da TMC:

> (a) pobreza de alguns mapeamentos, uma vez que nem todos os aspectos das metáforas conceituais têm realização lingüística convencional; (b) falta de base experiencial clara entre alguns domínios fonte e alvo, visto que várias das metáforas conceituais propostas e discutidas pela teoria da metáfora conceitual não sugerem correlações diretas com uma base experiencial corpórea; e (c) falta de consistência entre mapeamentos relacionados, tendo sido difícil muitas vezes determinar se as chamadas metáforas múltiplas são versões da mesma metáfora em níveis hierárquicos diferentes, ou se são metáforas não relacionadas, que compartilham grande parte de sua estrutura e conteúdo.

Tomemos a metáfora conceitual TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS (Grady, 1997, p. 37-62), a qual licencia expressões como "construa argumentos sólidos" e "a estrutura teórica precisa ser mais segura". Em relação ao problema (a), Grady (1997) lembra que "janelas", "inquilinos" e "aluguel" são conceitos muito salientes no domínio EDIFÍCIO. Então, por que não participam de conceitualizações com o domínio TEORIA? Não falamos "[e]ssas teorias possuem janelas francesas"[12] ou "[o]s inquilinos dessa teoria estão com aluguel atrasado"[13] (Grady, 1997, p. 40).

Em relação ao aspecto (b), uma das proposições da TMC é a de que as metáforas não são compreendidas sem sua base experiencial. Contudo, Grady (1997) não vislumbra uma relação experiencial direta entre TEORIAS e EDIFÍCIOS, se comparada com a correlação, por exemplo, entre MAIS e PARA CIMA, que ancoram expressões como "a carne aumentou", "a gasolina está pelas alturas", "o gás não para de subir". O autor mostra que a correspondência entre TEORIAS e EDIFÍCIOS é tão distinta quanto entre MAIS e PARA CIMA. Mas estes dois últimos conceitos estão associados devido à correlação direta entre nossas experiências sensório-motoras (verticalidade corporal, olhar para cima, pular) com as ideias de adição,

[12] Original: "This theory has French windows."

[13] Original: "The tenants of her theory are behind in their rent."

aumento, acréscimo. É direta no sentido de surgir de nossas experiências sensório-motoras, emocionais e cognitivas, e não possuir participação cultural relevante para associações conceituais.

Por fim, em relação ao aspecto (c) citado por Lima (1999), Grady (1997, p. 42) notou que os mesmos conceitos aplicados ao domínio TEORIA podem ser aplicados a outros alvos, como em "[o] arquiteto da Alemanha nazista"[14] e "[a] confiança é a base do casamento"[15]. No primeiro caso, a pessoa responsável por criar e organizar um Estado nazista é compreendida como um arquiteto; no segundo, "base" é o elemento essencial para assegurar toda uma "estrutura".

Grady (1997) chega à conclusão de que "[...] as metáforas conceituais não são o nível mais básico no qual os mapeamentos metafóricos existem no pensamento e na experiência [...]" (Lima, 2003, p. 25). As mais básicas são denominadas de metáforas primárias, ou primitivas, fundamentadas nas correlações entre nossas experiências sensório-motoras, diretas, independentes de influências culturais (Lima, 1999), enquanto as metáforas que não possuem relação direta com nossa base experiencial são chamadas de compostas de primárias, ou complexas. É o caso da metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, composta pelas metáforas primárias ORGANIZAÇÃO É UMA ESTRUTURA FÍSICA e MANTER-SE INTACTO É MANTER-SE ERETO. Em resumo, as metáforas primárias, "[...] por definição, têm base experiencial independente e direta – isto é, são elementos de experiências sensório-motoras, emocionais e cognitivas básicas que não dependem de particularidades culturais" (Lima, 2001, p. 111).

Vereza (2013) observa também que outro problema da TMC tem a ver com sua rigidez ao lidar com a dinamicidade de algumas metáforas em contexto discursivo, o que proporcionou o surgimento de muitas teorias e abordagens. É o caso da Abordagem da Metáfora Situada (AMS), proposta por Vereza (2013, 2016, 2020) para lidar com o problema da dinamicidade e criatividade metafóricas em contexto discursivo.

## 4.1 Abordagem da Metáfora Situada

Na AMS, Vereza (2013, 2016, 2020) recorre aos termos *offline* e *online* para fazer referência a dois modos nos quais estruturas cognitivo-discursivas podem figurar. O primeiro se refere ao nível estável de cognição, local de padrões relativamente estáveis – as metáforas tratadas na subseção anterior são exemplos deles. Por serem relativamente estáveis, os padrões no nível *offline* possuem características de universalidade, por isso são candidatos a serem encontrados nas mais variadas línguas e culturas. Já o segundo se refere ao processamento no nível episódico, no evento discursivo, no momento em que a cognição e a linguagem estão em uso (Vereza, 2016), por isso são mais deliberados e contextuais, e não necessariamente são refletidos da mesma maneira entre as culturas, línguas ou contextos discursivos.

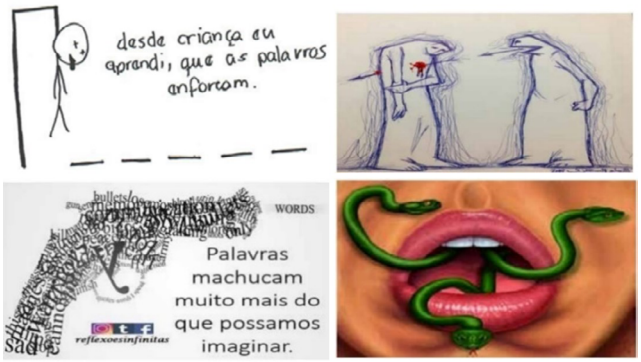
Uma das estruturas do modo *online* é denominada por Vereza (2013, 2016, 2020) de "metáfora situada". A autora destaca que se deve evitar afirmar que metáfora conceitual é metáfora situada, ou vice-versa, dado que elas figuram em níveis diferentes de cognição: as conceituais compõem o nível estável de cognição, o sistema conceitual, *offline*; as situadas fazem parte do nível episódico de cognição, situado, contextual, *online*, relacionado ao discurso em uso e à própria tessitura textual. Porém, a autora também destaca que a distinção entre uma e outra não impede que as metáforas situadas sejam ancoradas em metáforas conceituais.

[14] Original: "The architect of Nazi Germany."

[15] Original: "Trust is the foundation of marriage."

Em uma de suas pesquisas, Vereza (2020) investigou mapeamentos cognitivos projetados do domínio-fonte GUERRA para diferentes domínios-alvo. Ela analisou dez memes, e explorou como as instâncias de GUERRA foram mapeadas em domínios-alvo associados a licenciamentos linguísticos de antagonismo verbal, com foco especial em "palavra". A seguir, uma pequena amostra dos memes analisados pela autora.

Figura 1 – Memes e suas metáforas situadas




Fonte: Adaptado de Vereza (2020, p. 379-381).

Com base nesses e em outros memes analisados em seu *corpus*, Vereza (2020) identifica as seguintes metáforas situadas: *palavra é espada*,[16] *palavra é revolver*, *palavra é urtiga*, *palavra é flecha*, *palavra é pedra*, *palavra é faca*, *palavra é forca*, *palavra é fogo*, *palavra é bomba*, *palavra é cobra*. Essas metáforas são licenciadas pela metáfora conceitual PALAVRA É ARMA, que pode ser considerada uma projeção de "um elemento do domínio-fonte da metáfora mais abrangente DISCUSSÃO É GUERRA. O elemento mapeado, assim, de GUERRA seria *arma*" (Vereza, 2020, p. 381).

Como vemos, a HMP e a AMS não invalidam os achados da TMC, mas agregam valor ao ampliarem a percepção analítica sobre fenômenos cognitivo-discursivos. E por serem resultados de nossas experiências corporais, sociais e culturais, as metáforas em seus níveis estável e episódico são fundamentais para esta pesquisa.

## 5 A Análise de Discurso Crítica e a abordagem faircloughiana

A ADC é formada por seis abordagens que compartilham objetivos comuns: (i) a Histórico-Discursiva, (ii) a Análise de Dispositivo, (iii) a Linguística de Corpus, (iv) a Representação de Atores Sociais, (v) a Sociocognitiva e (vi) a Dialético-Relacional. Resende (2009, p. 39-40) enfatiza que essas vertentes compartilham de muitas características. Duas delas são a interdisciplinaridade e o caráter posicionado. A interdisciplinaridade reúne conceitos de outras disciplinas e áreas do conhecimento, enquanto o caráter posicionado está relacionado ao fato de o pesquisador não ter a intenção de resignar-se à isenção

[16] O itálico é usado para representar metáforas situadas.

científica, pois ele assume um lado na discussão, exatamente por não ser indiferente aos problemas constatados (Resende, 2009).

Um dos modelos de análise faircloughiana começou a ser desenvolvido em 1999 em parceria com Chouliaraki. Em seus trabalhos, Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) concebem o discurso como um momento semiótico das práticas sociais. Fairclough (2003) busca subsídios no Modelo Transformacional da Atividade Social e no Realismo Crítico, ambos de Roy Bhaskar. Em virtude dessa influência, o segundo modelo de análise de discurso faircloughiana tem sido denominado de Modelo Transformacional. Uma das principais alegações é a de que a vida social e a natureza são sistemas abertos e alteráveis, e o discurso possui força suficiente para transformar a sociedade, mas o contrário também é verdadeiro, o que imprime a natureza dialética na relação (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003).

Por ser o discurso uma dimensão semiótica das práticas sociais, ao analisá-lo, o pesquisador também se debruça sobre fenômenos sociais: sexismo, racismo, violência etc. Outro ponto importante é que, tal qual outras práticas, o discurso apresenta atuação, realização, intervenção, modos de operar na sociedade. Para explicar essa atuação, Fairclough (2003) retoma as metafunções linguísticas de Halliday e Matthiessen (2014): ideacional, interpessoal e textual. Mas não sem que elas passem por adaptações, pois Fairclough (2003, p. 27, grifo do autor) prefere "[...] falar sobre três **tipos principais de significado**, ao invés de funções"[17]: significado acional, significado representacional e significado identificacional. Por eles, o discurso reflete seus modos de operar na sociedade como uma dimensão semiótica das práticas sociais. O significado acional opera pelo modo de agir, ou seja, pelos textos, o discurso é usado como meio de ação. O representacional atua como modo de representar aspectos do mundo, isto é, pelos textos, o discurso é utilizado para representar um comportamento, um grupo social, uma instituição, uma relação, uma pessoa etc. Por fim, o significado identificacional atua pelo modo de identificar/ser. Em resumo:

> [...] o discurso figura de três principais maneiras como parte de práticas sociais, na relação entre textos e eventos: como modos de agir, como modos de representar e como modos de ser. A cada um desses modos de interação entre discurso e prática social corresponde um tipo de significado (Resende; Ramalho, 2006, p. 60).

Para analisar discursos, a ADC estabeleceu categorias analíticas, tais como vocabulário, significado de palavras, intertextualidade, interdiscursividade, modalidade, avaliação, entre outras. Tomemos as categorias intertextualidade, avaliação e modalidade. Elas podem ser usadas para analisar os significados acional, representacional e identificacional, respectivamente. Por ser um processo pelo qual um texto retoma outros textos considerados relevantes, prestigiados e influentes em uma escrita/discussão, a intertextualidade age para validar um posicionamento político-ideológico, endossar uma crença, justificar uma convicção ou defender um juízo de valor. A categoria avaliação, por usa vez, pode ser usada para analisar as seleções lexicais e compreender o significado representacional, dado que o léxico está intimamente ligado à maneira pela qual representamos o mundo. Por fim, a modalidade está relacionada ao significado identificacional, e é usada para identificar o comprometimento dos produtores de um texto em relação ao que dizem.

Neste artigo, focamos o significado representacional da Abordagem Dialético-Relacional de Fairclough (2003), uma vez que ele é um modo de representação de aspectos do mundo (físicos, sociais ou cognitivos) no nível do discurso (Fairclough, 2003; Resende; Ramalho, 2006). Para analisá-lo, usamos a

[17] Original: "I prefer to talk about three major **types of meaning**, rather than functions."

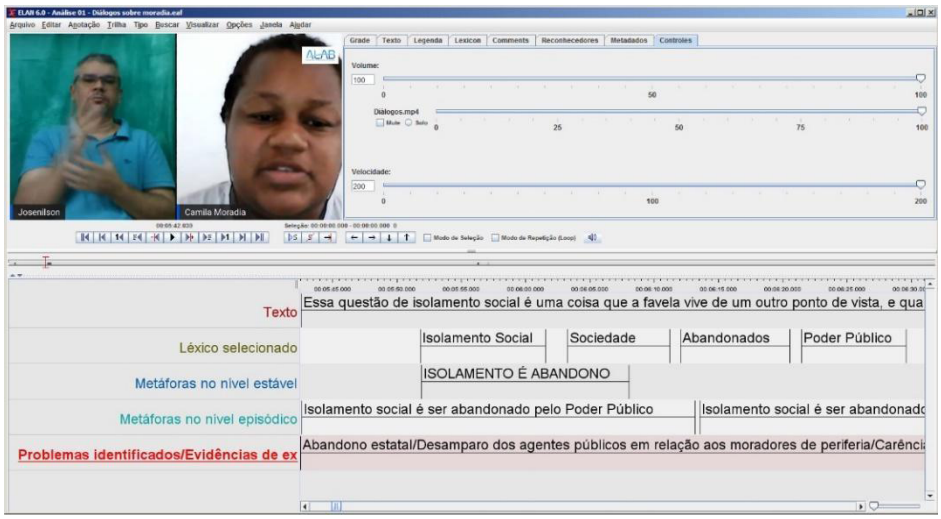
categoria significado de palavras, pois, conforme vimos em Santa Ana (1999) e Charteris-Black (2006), léxico e estruturas conceituais podem ser aproximados para que LC e ADC interpretem os indicadores crítica e bilateralmente. Em resumo, o significado representacional, indicado pelo léxico no texto, será recuperado pelas metáforas[18]. Por isso, ele estará sob os cuidados de abordagens da LC.

# 6 Procedimentos metodológicos

Desde o início da pandemia, a ALAB tem produzido, em seu canal no YouTube, um rico material que transcende os limites das disciplinas e das ciências. São palestras, debates, discussões e entrevistas com convidados das mais variadas áreas: moradores de periferia, indígenas, professores, pesquisadores, comunidade LGBTQIAPN+, convidados de outras nacionalidades etc. Nesta pesquisa, os indicadores foram coletados de uma mesa *online* intitulada "Diálogos sobre moradia e Covid-19: limites do isolamento nas favelas", ocorrida em 2020, com duração de 2 h 19 min 55 s. Na ocasião, moradores do conjunto de favelas do Complexo do Alemão discutiram as realidades vivenciadas pelas periferias frente à pandemia. Focamos suas falas porque o debate traz suas representações baseadas em suas próprias experiências e de seus pares como moradores de favela.

Para manipular o vídeo, usamos o Eudico Linguistic Annotator (ELAN), *software* de transcrição e notação linguística desenvolvido pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics. O ELAN possibilita incluir diversas trilhas simultâneas, flexibilizando a análise em multiníveis. Na nossa análise, incluímos cinco trilhas, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – Layout do ELAN




Fonte: Captura de tela do *software* feita pelos autores.

[18] Aqui, consideramos uma importante contribuição da LC para a ADC. Isso porque Fairclough (2003) usa a metáfora para analisar o significado identificacional, enquanto a interdiscursividade é aplicada como uma categoria do significado representacional. Porém, com base em uma perspectiva fundamentada na LC, mostramos o quão frutífera é uma análise do significado representacional a partir das metáforas conceituais e situadas, uma vez que elas também evidenciam a maneira pela qual representamos o mundo.

Os trechos selecionados são chamados de "texto", pois, na ADC, "texto" é usado em referência a qualquer instância materializada da linguagem (Halliday; Matthiessen, 2014), um momento de produção material da vida social (Fairclough; Graham, 2002) e um elemento de composição dos eventos sociais (Fairclough, 2003). Nas transcrições, indicamos o trecho em minutos do vídeo. A propósito, embora a fala corrente dos participantes da mesa-redonda apresente marcas de oralidade, essas características não fazem parte de nosso objeto de estudo, nem interferem nas análises e resultados finais, por isso a transcrição segue a escrita padrão da língua portuguesa.

A princípio, iniciamos a análise textual com foco nas palavras e complexos de palavras envolvidos com as metáforas[19], identificando os licenciamentos metafóricos relacionados aos problemas sociais. Para chegarmos ao significado representacional, usamos a categoria significado de palavras, momento em que os significados são recuperados e analisados criticamente após a identificação das metáforas em seus níveis estável e episódico. E para apresentarmos os resultados de forma didática, elaboramos um quadro chamado Cenário cognitivo-discursivo, que resume o léxico selecionado, as metáforas e as possíveis evidências de experiências necropolíticas, baseadas nos problemas identificados.

Por fim, partimos do pressuposto segundo o qual as representações surgidas no vídeo analisado não são exclusivas, particulares, daquele pequeno grupo de pessoas, mas estão presentes nas mais variadas periferias brasileiras. Porém, como é inviável mapearmos evidências de experiências necropolíticas nas mais variadas áreas vulnerabilizadas, este estudo se debruça sobre a fala de um grupo de pessoas que vivenciam realidade semelhante à de seus pares em outros espaços vulnerabilizados pelo poder público. Assim, analisando uma parte, conseguimos chegar a uma amostra representativa do todo.

# 7 Resultados e discussão

No vídeo, identificamos seis cenários cognitivo-discursivos. Destacam-se a visão de crise e dos problemas enfrentados pelas favelas, o conceito de isolamento social, e as experiências com a atuação e ações do poder público.

## 7.1 Problemas são crises

**Texto 1**

> [...] logo no início de março, do mês de março, acompanhando pela TV essa questão do Covid, e tanto se falava do Gabinete de Crise do Estado, eu fiz uma postagem no Twitter, convidando, provocando na realidade, algumas pessoas aqui do Alemão a criarmos o Gabinete de Crise. E aí, o Gabinete de Crise do Alemão foi criado justamente por isso, porque, mesmo antes da pandemia, a **favela** já tem **várias crises**, ela vive **várias crises**, e aí todas essas **crises** se agravaram por conta da pandemia [...] (Mesa [...], 2020, 5 min 11 s ~ 5 min 48 s, grifo nosso).

[19] As palavras e complexos de palavras selecionados para a análise foram destacados em negrito.

Em contextos críticos, são comuns expressões como "crise política", "crise econômica", "tempos de crise". Mas a palavra "crise" é advinda da medicina para fazer referência a uma situação patológica na qual uma pessoa apresenta uma piora, às vezes brusca, em sua saúde. Para recuperarmos seu significado no texto 1, devemos notar dois domínios em uso: CRISE e PROBLEMA. O primeiro é fonte para o entendimento do segundo.

Em um estado de crise, as funções fisiológicas e/ou mentais do paciente apresentam sintomas. Ou seja, CRISE possui uma base de experiências corporais e emocionais. O mesmo pode ser dito do domínio PROBLEMA, pois, ao tentarmos resolver problemas, nossas funções fisiológicas podem reagir de diversas formas. E a correlação entre as sensações ocasionadas por problemas e as sensações provocadas por sintomas de doenças aproximam os domínios CRISE e PROBLEMA, fazendo do primeiro uma fonte para estruturar o segundo, e proporcionando o surgimento da metáfora PROBLEMAS SÃO CRISES.

No texto, percebemos também uma maneira muito particular de conceitualizar a favela, compreendida como uma pessoa em crise. Ademais, o uso do pronome "várias" marca a intenção do produtor do texto de enfatizar a quantidade de crises/problemas vivenciados pelos moradores. Assim, identificamos duas maneiras pelas quais o texto representa problemas e favela: PROBLEMAS SÃO CRISES e *favela é uma pessoa em crise*.

A partir do léxico e de seu significado representacional recuperado pelas metáforas, passamos a analisar uma possível relação entre periferias e Estado brasileiro. Fairclough (2003) destaca que as formas de representarmos o mundo via discursos também revelam nossas relações com o mundo. Esse entendimento é chave para nossa discussão porque os significados de "crise" e "favela", recuperados pelas metáforas, são essenciais para inferirmos tanto a relação Estado/favelas quanto as políticas de Estado e de Governo direcionadas às periferias. Se o significado representacional de favela remete a um paciente em um quadro clínico crítico, então podemos inferir que o Estado é o médico responsável por esse paciente. Diante disso, para continuarmos no campo das metáforas, qual o comportamento desse médico frente ao quadro clínico do paciente?

Para chegarmos à resposta, destacamos que o Gabinete de Crise do Rio de Janeiro foi instituído pelo governo Witzel em março de 2020 para o enfrentamento da Covid-19. Mas sua instituição não significa que as periferias seriam plenamente assistidas por esse equipamento. Pelo texto, percebemos que a mobilização popular do Complexo do Alemão, através de ativistas sociais, criou seu próprio Gabinete de Crise, o que sugere a baixa expectativa dos moradores de terem suas reais necessidades atendidas pelo Governo do Rio de Janeiro, ou mesmo a expectativa de não terem assistência alguma do Estado brasileiro. Além do mais, o próprio texto evidencia que a favela já enfrentava vários problemas antes da Covid-19, mas "[...] se agravaram por conta da pandemia". Por isso, as representações cognitivo-discursivas identificadas e a necessidade que ativistas tiveram de criar seu próprio Gabinete de Crise fornecem as primeiras evidências de que a falta de assistência governamental foi um dos problemas em áreas socialmente vulnerabilizadas.

Tabela 1 – Cenário cognitivo-discursivo 1

| Representações sobre "problemas", "crises" e "favela" | |
|---|---|
| **Léxico selecionado do texto** | Crises, várias crises, favela. |
| **Metáforas no nível estável** | PROBLEMAS SÃO CRISES. |

| Metáforas no nível episódico | *Favela é uma pessoa em crise.* |
|---|---|
| **Problema identificado/Evidências de experiências necropolíticas mapeadas** | |
| Falta de assistência governamental. | |

Fonte: Elaboração própria.

Importa destacarmos que a desassistência governamental não foi mencionada explicitamente no texto 1. Porém, por mais que esse problema pareça opaco no nível textual, ele se torna patente ao analisarmos todo o cenário cognitivo-discursivo 1, do uso lexical aos seus significados recuperados pelas metáforas. Aliás, esse também é um dos principais objetivos da ADC, isto é, trazer à tona problemas sociais opacos à maioria da sociedade, mas que existem e são recorrentes.

Com base no mapeamento acima, observamos que o cenário 1 indica que a periferia parece estar inscrita na inércia da gestão biopolítica, onde o deixar morrer opera sobre os corpos através da negação de assistência governamental. Por outro lado, quando Mbembe (2018, 2019) retoma a discussão sobre os contextos coloniais, ele observa que a gestão da morte nem sempre consiste em matar, mas em gerar condições nas quais vida e morte se confundam diariamente. E se diante do cenário cognitivo-discursivo 1 a interpretação não for a de que a biopolítica é convertida em necropolítica, então é possível pelo menos considerarmos a possibilidade de as duas estarem agindo conjuntamente para atender a um dos interesses do racismo de Estado: patrocinar a possibilidade constante de morte a um grupo específico de pessoas. Pode-nos causar estranhamento ou surpresa a concepção de que a política brasileira possa ativar dispositivos voltados a matar pessoas tão somente por suas condições sociais, étnicas e raciais, mas Mbembe (2018, 2019) observa que condições mortíferas criadas pelo racismo de Estado são habituais. Nos sistemas coloniais, por exemplo, o negro era comprado como corpo-objeto, não para ser destruído ou morto, mas para gerar produtividade nas fazendas. Porém,

> [...] uma vez desgastado, consumido ou exaurido por seu proprietário, o objeto retorna à natureza, estático e, dali em diante, inutilizável. No sistema mercantilista, o negro é, portanto, esse corpo-objeto e essa mercadoria que passa de uma forma a outra e, quando chega à fase terminal, atingida a exaustão, sofre uma desvalorização universal. A morte do escravo assinala o fim do objeto e sua saída do estatuto de mercadoria (Mbembe, 2018, p. 146).

Embora o trecho acima situe o corpo-objeto no contexto colonial, a contemporaneidade desenha novos contornos nessa direção, ampliando ainda mais a história inacabada do *status* de mercadoria do corpo negro para incluir também os corpos periféricos, objetificados pelo neoliberalismo, dado que sua concepção basilar é a de que se não auferem lucros, o sistema tende a empurrá-los mais rápido ainda para a experiência da morte e a transformá-los em corpos indigentes, criminalizados ou alvos da violência estatal e social. Obviamente, seria extemporâneo já afirmarmos existir uma relação necropolítica entre Estado brasileiro e periferias com base apenas nas representações extraídas do texto 1. Contudo, o cenário cognitivo-discursivo 1, conforme notamos, descortina uma relação entre léxico, metáforas e fenômenos sociais que podem ser as primeiras evidências de que (i) o léxico usado por moradores de favela, ao falarem de seus problemas sociais, expõe uma relação necropolítica entre Estado e periferia e que (ii) muitas metáforas ligadas a problemas em

áreas de vulnerabilidade social estão baseadas em experiências necropolíticas. Todos os próximos indicadores das próximas subseções mostrarão até que ponto essas duas afirmações podem ser corroboradas.

## 7.2 Isolamento social é ser abandonado pela sociedade e pelo poder público

> **Texto 2**
>
> [...] essa questão de isolamento social é uma coisa que a favela vive de um outro ponto de vista. E quando eu falo de um outro ponto de vista, é porque a gente foi e é isolado por parte da **sociedade** e pelo próprio **poder público** durante décadas. Então, a favela conhece o **isolamento social** sim. A gente vive o **isolamento social**, porque nós somos **abandonados** pelo **poder público** [...] (Mesa [...], 2020, 5 min 50 s ~ 6 min 20 s, grifo nosso).

Ainda que a Covid-19 tenha ocasionado o isolamento social em escala global, ele é experienciado em outros contextos: guerra, crime, depressão, tristeza, luto. E mesmo desde a mais tenra idade, experienciamos isolamento em outras situações, como no caso de alguma doença. Todas essas situações possuem algo em comum: a experiência do afastamento do convívio com outras pessoas.

Quando Grady (1997, p. 283; 293) analisa para quais domínios PROXIMIDADE pode ser fonte de mapeamento primário, ele nota que SIMILARIDADE e INTIMIDADE são dois alvos muito comuns, e cita os seguintes licenciamentos linguísticos: "[e]sses tecidos não são exatamente iguais, mas são bem próximos"[20] e "[m]inha irmã e eu somos muito próximas".[21] O autor destaca que, enquanto no primeiro caso a motivação pode surgir pelo fato de objetos semelhantes estarem agrupados em um mesmo espaço, motivando a metáfora primária SIMILARIDADE É PROXIMIDADE, no último, a motivação surge da correlação entre ser emocionalmente íntimo de uma pessoa e estar fisicamente próximo a ela, proporcionando a metáfora primária INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE.

Ao usar o item lexical "abandonados" para fazer referência a "isolamento social" no texto 2, algo semelhante parece ter ocorrido com o domínio ISOLAMENTO. O fato de o texto relacionar a sensação provocada pela experiência de estarmos isolados de outras pessoas com as sensações provocadas pelo desamparo, rejeição e abandono proporciona a conceitualização de ISOLAMENTO em termos de ABANDONO, revelando a metáfora primária SER ISOLADO É SER ABANDONADO, subjacente às expressões "[...] a gente foi e é isolado por parte da sociedade e pelo próprio poder público durante décadas" e "a gente vive o isolamento social, porque nós somos abandonados pelo poder público".

Identificada a metáfora SER ISOLADO É SER ABANDONADO, voltamos nossa atenção para duas representações muito específicas recrutadas por "isolamento social" no texto: *isolamento social é ser abandonado pela sociedade* e *isolamento social é ser abandonado pelo poder público*. Para um contraste do significado representacional de isolamento social no texto 2 com o terminológico, apresentamos os dois excertos abaixo extraídos de dois glossários.

[20] Original: "These fabrics aren't quite the same but they're close."

[21] Original: "My sister and I are very close."

> Medida de prevenção contra a COVID-19 que determina a permanência de indivíduos em ambientes limitados, restringindo a interação entre pessoas de uma comunidade para reduzir a propagação do vírus SARS-CoV-2 (Doc.S.MS.Br) (Cruz; Maia-Pires; Lupetti, 2022).

> O isolamento social, também denominado de isolamento domiciliar, é indicado apenas para as pessoas que foram diagnosticados com Covid-19 [...]. Isolar significa separar as pessoas doentes das saudáveis, a pessoa não deve sair de casa por nenhum motivo (Vaccari; Pedron, 2022).

Ao contrastarmos o uso de "isolamento social" no texto 2 com o dos glossários, notamos uma distinção representacional. E aqui lembramos que Fairclough (2003, p. 129) já apontava que diferentes discursos estruturam o mundo de forma diferente, e "[a]s características distintivas mais óbvias de um discurso, provavelmente, são as características do vocabulário – discursos 'nomeiam' ou 'lexicalizam' o mundo de maneiras particulares".[22] Obviamente, os dois textos usam o mesmo item lexical, embora de maneiras diferentes. Mas uma mesma escolha linguística em dois (con)textos distintos pode gerar sentidos distintos porque seus processos de significação atravessam processos diversificados que, de modo algum, são puramente textuais, pois também estão conectados a fatores externos, que vão desde a maneira pela qual os agentes experienciam o mundo à maneira pela qual seus discursos são restringidos pelas estruturas sociais. Afinal de contas, conforme defende Fairclough (1992, p. 64), "[...] o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis".[23] Assim, uma classe social e um sistema econômico, como estruturas sociais, moldam e restringem o discurso, revelando ao pesquisador que tipo de relação existe entre a classe social de um morador de favela e o sistema político-econômico de seu país.

Voltando nossa atenção aos significados de "isolamento social" descortinados no texto e nos glossários, notamos que, nos glossários, eles são compreendidos como medidas de prevenção e segurança; mas os significados do texto 2 estabelecem um contraste com o dos glossários. Isso ocorre porque o do texto 2 apresenta evidências de ter sido construído e usado a partir de um pano de fundo baseado em, pelo menos, duas experiências sociais comuns nas periferias: (i) descaso do poder público e (ii) indiferença por parte da sociedade. Com essas experiências, as representações não poderiam ser outras senão a de um poder público que abandona grupos específicos de pessoas e de uma sociedade indiferente às necessidades das periferias. Assim, as metáforas SER ISOLADO É SER ABANDONADO, *isolamento social é ser abandonado pela sociedade* e *isolamento social é ser abandonado pelo poder público* são evidências de problemas diversos, dos quais destacamos o abandono estatal propriamente dito, o desamparo dos agentes públicos em relação aos moradores de periferia, a carência de políticas públicas e a indiferença de outros grupos sociais.

Tabela 2 – Cenário cognitivo-discursivo 2

| **Representações de isolamento social com base em abandono** | |
|---|---|
| **Léxico selecionado do texto** | Isolamento social, sociedade, abandonado, poder público. |

[22] Original: "The most obvious distinguishing features of a discourse are likely to be features of vocabulary – discourses 'word' or 'lexicalize' the world in particular ways."

[23] Original: "[...] discourse is shaped and constrained by social structure in the widest sense and at all levels."

| | |
|---|---|
| **Metáforas no nível estável** | SER ISOLADO É SER ABANDONADO. |
| **Metáforas no nível episódico** | *Isolamento social é ser abandonado pela sociedade.*<br>*Isolamento social é ser abandonado pelo poder público.* |
| **Problemas identificados/Evidências de experiências necropolíticas mapeadas** | |
| Abandono estatal/ Desamparo dos agentes públicos em relação aos moradores de periferia/ Carência de políticas públicas/ Indiferença de outros grupos sociais. | |

Fonte: Elaboração própria.

Como observamos, as relações entre léxico e metáforas conceituais e situadas no texto 2 também apontam problemas sociais nas periferias que podem estar ligados a experiências necropolíticas, uma vez que abandonar pessoas à própria sorte é também uma estratégia desse dispositivo, sobretudo se levarmos em conta parte do cenário pandêmico que já se desenhava no Brasil quando a fala do texto 2 ocorreu, em maio de 2020: (i) o Brasil era o segundo país com o maior número de casos confirmados de Covid-19, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (Casos [...], 2020); (ii) o país assumia a quarta posição mundial em número de mortes, atrás dos Estados Unidos, Reino Unido e Itália (Casos [...], 2020); e (iii) a Covid-19 já se mostrava mais letal nas periferias brasileiras, a exemplo dos 20 bairros onde mais pessoas já haviam morrido pela doença até então – todos esses 20 bairros são periferias de São Paulo (Sampaio, 2020; Desigualdade [...], 2020).

Mbembe (2019) lembra que o poder sempre desenvolveu suas próprias tecnologias de morte, a exemplo da guilhotina, dos enforcamentos, das longas procissões dos condenados antes de suas execuções etc. Até certa medida, as tecnologias de morte têm a ver também com "[...] a paixão do público por sangue e as noções de justiça e vingança [...]"[24] (Mbembe, 2019, p. 72). Com a modernização jurídica dos Estados, o autor observa que formas modernas, racionais e civilizadas de matar também são desenvolvidas.

No contexto brasileiro, se compreendermos o abandono estatal como tecnologia racional, moderna e civilizada de morte, então ele é eficiente no que se propõe a fazer. Em primeiro lugar, ao acioná-lo, os responsáveis furtam-se aos protestos sociais, enquanto o uso do fuzil ainda cobra alguma explicação. Depois, pode fazer muito mais corpos do que um fuzil, por lesionar muito mais pessoas simultaneamente, proporcionando muito mais vítimas fatais. Em terceiro lugar, o abandono pode ser usado todos os dias, a todo instante, por muitos anos, tornando-se uma estratégia permanente de eliminação em massa dos corpos, e ainda significar economia ao erário estatal, se comparado ao uso bélico que demanda recursos financeiros. Por fim, age silenciosamente, dado que os holofotes midiáticos não parecem estar interessados nas consequências produzidas pelo abandono estatal como estão interessados em corpos e sangue espalhados pelo chão das periferias, o que garante a invisibilidade daqueles que o acionam como tecnologia de morte.

[24] "[...] *the public's passion for blood and notions of justice and revenge* [...]".

## 7.3 Isolamento social é o esquecimento do poder público

**Texto 3**

> [...] falar em isolamento social, para a gente, a gente tem outro ponto de vista. Não existe distanciamento entre beco e viela. O nosso **isolamento social** é o **esquecimento** do **poder público** durante décadas para a favela. Então, todas essas crises que muitas pessoas, que parte da população está vivendo agora, as pessoas que não moram em favela, que não moram em periferia, parte da realidade que elas estão vivendo agora, a gente vem vivendo, minha mãe viveu, meus avós viveram, e muita gente já viveu, vem convivendo com isso, os meus filhos já vivem essa realidade de isolamento social [...] (Mesa [...], 2020, 6 min 51 s ~ 7 min 33 s, grifo nosso).

Na subseção anterior, a relação entre léxico e metáforas conceituais mostrou que o significado representacional de isolamento social está baseado nas experiências provocadas pela sensação de abandono estatal. No texto 3, ele possui uma representação relativamente semelhante: SER ISOLADO É SER ESQUECIDO. Mas a tessitura textual demonstra uma representação episódica: *isolamento social é ser esquecido pelo poder público*. Destacamos duas experiências extraídas do próprio texto 3 que possuem importância significativa nessas representações.

i. A omissão do poder público e de seus representantes frente aos problemas enfrentados pela população que mais precisa do Estado;
ii. O aglomerado de residências em becos e vielas estreitos.

Considerando o item (i), as experiências ocasionadas pela omissão do poder público nas favelas geram a sensação (cognitiva e emocional) nos moradores de terem sido esquecidos por seus representantes. Já a experiência social destacada no item (ii) coloca o significado dicionarizado como um contrassenso nos locais onde as residências são separadas por becos e vielas estreitos e, em inúmeros casos, onde famílias inteiras dividem um único cômodo. Assim, não há lógica representar isolamento social como uma medida de segurança ou de prevenção contra a Covid-19, se o agente social, além de estar exposto a omissões do poder público, não possui alternativas, nem condições, para assegurar que um membro infectado de sua família fique em cômodo separado.

Se as omissões do poder público brasileiro nas periferias são evidências de uma política da morte, elas também são eficientes no que se propõem a fazer, uma vez que, nas condições já analisadas, as medidas de enfrentamento à Covid-19 nas periferias tornaram-se estratégias para matar, não para proteger. Essas omissões fazem das favelas territórios historicamente marcados pela necropolítica, conforme evidencia o trecho:

> [...] todas essas crises que muitas pessoas, que parte da população está vivendo agora, [...] a gente vem vivendo, minha mãe viveu, meus avós viveram, e muita gente já viveu, vem convivendo com isso, os meus filhos já vivem essa realidade de isolamento social (Mesa [...], 2020, 7 min 09 s ~ 7 min 33 s).

Assim, nas periferias brasileiras naquele contexto de pandemia, fez mais sentido representar isolamento social como esquecimento do poder público do que como uma medida de segurança sanitária. Não se trata de não compreender o significado dicionarizado de "isolamento social". A questão é que o significado representacional do texto, delineado pelas metáforas, está baseado nas experiências cotidianas reais dos agentes sociais com os problemas gerados ou agravados pelo próprio Estado brasileiro nas periferias: omissão, esquecimento do poder público e adensamento populacional em um espaço já reduzido pelo adensamento residencial.

Tabela 3 – Cenário cognitivo-discursivo 3

| Representações de isolamento social com base em esquecimento | |
|---|---|
| **Léxico selecionado do texto** | Isolamento social, esquecimento, poder público. |
| **Metáforas no nível estável** | SER ISOLADO É SER ESQUECIDO. |
| **Metáforas no nível episódico** | *Isolamento social é ser esquecido pelo poder público.* |
| **Problemas identificados/Evidências de experiências necropolíticas mapeadas** | |
| Omissão do Estado/Esquecimento do poder público/Adensamento populacional/Adensamento residencial. | |

Fonte: Elaboração própria.

## 7.4 O poder público é um médico negligente

**Texto 4**

> [...] então, pensar, nesse momento, a pandemia e o quanto que o descaso histórico do **poder público**, e as políticas públicas deveriam ser direcionadas para essa população, especificamente, o quanto isso **impactou** e está **impactando** no processo de pandemia nesse momento. E isso é fundamental, porque pensar habitação e saneamento básico e o **olhar de provisoriedade** constante do **poder público** faz com que as favelas e as periferias, e não só, mas também os quilombos e as aldeias estejam **sofrendo** mais do que o restante da sociedade nesse momento de pandemia (Mesa [...], 2020, 13 min 9 s ~ 13 min 50 s, grifo nosso).

Para analisar as representações no texto 4, destacamos dois trechos:

i. "[...] o descaso histórico do poder público, e as políticas públicas deveriam ser direcionadas para essa população, especificamente, o quanto isso impactou e está impactando no processo de pandemia nesse momento";
ii. "[...] o olhar de provisoriedade constante do poder público faz com que as favelas e as periferias, e não só, mas também os quilombos e as aldeias estejam sofrendo mais do que o restante da sociedade nesse momento de pandemia".

No primeiro, o significado representacional pode ser recuperado por duas metáforas do nível estável de cognição: (a) COMPORTAMENTO É OBJETO QUE COLIDE, recuperada pelos itens lexicais "descaso", "impactou" e "impactando"; e (b) ORGANIZAÇÃO SOCIAL É ESTRUTURA FÍSICA, pois o que está sofrendo o impacto do objeto que colide é a favela como organização social/estrutura física. Aqui, o comportamento (descaso) do poder público é cognitivamente associado a um objeto que colide e causa impacto na favela.

No segundo trecho, deparamo-nos mais uma vez com a metáfora *favela é uma pessoa em crise*. Contudo, o texto 4 evidencia explicitamente a relação médico/paciente, ao usar a metáfora do médico negligente. Nele, a relação entre poder público e favelas, periferias, quilombos e aldeias pode ser comparada à de um médico negligente diante de um paciente em crise. Assim, identificamos as seguintes metáforas situadas: *o poder público é um médico negligente*, *periferias são pessoas em crise*, *quilombos são pessoas em crise*, *aldeias são pessoas em crise*.

Fairclough (2003, p. 17) destaca que as representações de aspectos do mundo estão associadas a posições sociais e a diferentes grupos de pessoas, fazendo com que os discursos também sejam diferentes. Considerando os indicadores até aqui analisados, observamos que, quando falam de seus problemas sociais, boa parte do léxico usado por moradores de periferia está ancorada em metáforas que apontam o Estado/poder público como responsável direto pelos problemas em áreas de vulnerabilidade social, indicando que o Brasil apresenta características necropolíticas, nos termos que Mbembe (2019) explora. Em suma, a relação entre léxico e metáforas nos discursos de moradores de favelas aqui analisados, sobre seus problemas, indica um Estado/poder público que assume a posição de transgressor, enquanto coloca grupos específicos de pessoas na posição de transgredidos.

Tabela 4 – Cenário cognitivo-discursivo 4

| **Representações sobre o comportamento do poder público** | |
|---|---|
| **Léxico selecionado do texto** | Poder público, impactou, impactando, olhar de provisoriedade, sofrendo. |
| **Metáforas no nível estável** | COMPORTAMENTO É OBJETO QUE COLIDE.<br>ORGANIZAÇÃO SOCIAL É ESTRUTURA FÍSICA. |
| **Metáforas no nível episódico** | *O poder público é um médico negligente.*<br>*Periferias são pessoas em crise.*<br>*Quilombos são pessoas em crise.*<br>*Aldeias são pessoas em crise.* |
| **Problemas identificados/Evidências de experiências necropolíticas mapeadas** | |
| Negligência e descaso do poder público. | |

Fonte: Elaboração própria.

## 7.5 O poder público é um agente mirando um fuzil para a favela

**Texto 5**

"[...] e aí como isso não muda, esse abandono, a **visão** do **poder público** de chegar dentro da favela, sempre **ver** a **favela** pela **ponta**, pelo **bico de um fuzil**, isso se mantém." (Mesa [...], 2020, 1 hora 12 min 20 s ~ 1 hora 12 min 31 s, grifo nosso).

Em junho de 2021, a deputada federal Benedita da Silva publicou em seu Twitter: "o Rio de Janeiro sangra e é sangue do povo preto que sempre escorre" (Silva, 2021). A mensagem foi em protesto à morte de Kathlen Romeu, mulher preta, de 24 anos, grávida de 14 semanas, atingida por um tiro de fuzil no tórax em uma ação policial na comunidade do Lins de Vasconcelos. Após seis meses de investigação, o inquérito concluiu que o tiro partiu da polícia.

No licenciamento linguístico de Silva (2021), o Rio de Janeiro é representado como uma pessoa preta sangrando, vítima da violência estatal. E as representações cognitivo-discursivas no texto 5 somam-se à representação da deputada. Elas demonstram não só como boa parte da população periférica representa as operações militares, mas também como os moradores se representam e como se sentem frente às políticas de segurança pública brasileira. A primeira metáfora é identificada pela expressão "a visão do poder público". Aqui, "entender" é mapeado do domínio "ver", e surge de duas experiências corporais que ocorrem conjuntamente: o ato físico de ver proporciona a atividade cognitiva de compreender, fazendo surgir a metáfora ENTENDER É VER.

Com base nos itens lexicais "poder público", "favela", "ver" e "ponta/bico de um fuzil", identificamos outras três metáforas: *o poder público é um agente mirando um fuzil para a favela*, *favela é alvo* e *morador de favela é alvo*. Destacamos estas duas últimas porque o item lexical "favela" tanto pode significar moradores quanto conjunto habitacional. Essas três últimas metáforas são situadas em um contexto social específico e derivam de experiências violentas causadas pelo próprio Estado em periferias. Portanto, enquanto o Rio de Janeiro é entendido como uma pessoa preta sangrando, vítima da violência estatal na representação de Silva (2021), nas representações do texto 5 o poder público é o agente responsável por apontar o fuzil para as favelas e seus moradores.

A partir das representações acima, três observações devem ser feitas. A primeira diz respeito ao fato de o Estado brasileiro alegar que suas operações militares nas periferias têm como objetivo reduzir a violência e acabar com a criminalidade. Porém, suas políticas de segurança pública em periferias indicam estar à sombra da necropolítica, em todos os sentidos: inocentes civis morrem, integrantes de facções matam e morrem, policiais matam e morrem. Esse pode ser um dos motivos pelos quais metáforas representam o Brasil como um agente apontando um fuzil para favelas, ou mesmo como um assassino que usa técnicas nazistas – como vimos na introdução deste artigo. A segunda observação está ligada ao significado representacional de poder público. O que é evidenciado pelo léxico e pelas metáforas no texto 5 entra em conflito com as representações que constam da Constituição Federal, onde um dos principais fundamentos

do Estado/poder público é o de garantir a dignidade da pessoa humana, enquanto alguns de seus deveres são assegurar a justiça, o bem-estar social e a segurança do cidadão. E a terceira diz respeito ao fato de o Estado brasileiro relacionar (ora implícita, ora explicitamente) morador de favela e criminalidade; pobreza e delinquência; cor da pele e risco, ameaça, perigo, assalto.

Como vemos, as representações baseadas nas experiências dos moradores de periferia com aquilo que o Estado defende ser política de segurança pública apontam para um *modus operandi* necropolítico. Por seu *modus operandi*, o poder público incrementa a violência, amplia as tensões locais, gera condições mortíferas, aumenta cada vez mais a sensação de insegurança nas periferias e produz nos moradores o medo permanente de serem mortos pelo fuzil estatal.

Tabela 5 – Cenário cognitivo-discursivo 5

| Representações das ações do poder público | |
|---|---|
| **Léxico selecionado do texto** | Ver, favela, fuzil, ponta de um fuzil, bico de um fuzil, poder público. |
| **Metáforas no nível estável** | ENTENDER É VER. |
| **Metáforas no nível episódico** | *O poder público é um agente mirando um fuzil para a favela.*<br>*Favela é alvo.*<br>*Morador de favela é alvo.* |
| **Problemas identificados/Evidências de experiências necropolíticas mapeadas** | |
| Violência do poder público/Injustiças cometidas pelo Estado/Vulnerabilidade ampliada pelo Estado. | |

Fonte: Elaboração própria.

## 7.6 O Estado e o vírus da Covid-19 são adversários dos moradores de favela

**Texto 6**

> [...] a gente teve uma **chacina** dentro do Complexo do Alemão, dentro da pandemia. A gente teve **treze mortos** em um momento de pandemia. Em um momento que era para todo mundo ficar em casa, a gente conseguiu, em uma semana, **perder** mais **pessoas** por conta da **violência** do que para o **vírus** (Mesa [...], 2020, 1 hora 12 min 37 s ~ 1 hora 12 min 57 s, grifo nosso).

Lakoff e Johnson (2003) identificaram que o conceito VIDA pode ser estruturado por muitos domínios de experiência: JOGO (aproveite essa chance), RECIPIENTE (minha vida é vazia), HISTÓRIA (conte sua história de vida), LUZ (sua luz se apagou) etc. No texto 6, há indicativos de que VIDA é conceitualizada

como BATALHA/CONFLITO, e o item lexical "perder" é essencial para recuperarmos a metáfora, pois ele indica um cenário de resistência e disputa violenta: do lado da resistência, os moradores de periferia; do outro, agindo separados, mas com objetivos e resultados parecidos, o vírus e a violência. Na representação, há aqueles que resistem e sofrem perdas (os moradores) e os que disputam a vida dos moradores (o vírus e a violência), revelando a metáfora VIDA É UMA BATALHA/CONFLITO. Essa metáfora licencia expressões como "conseguimos vencer", "as drogas o mataram", "fui resgatado", "a violência o tirou de mim".

O item lexical "violência", por sua vez, faz referência a uma operação policial ocorrida em 15 de maio de 2020 no Complexo do Alemão, considerada uma das operações mais letais da história do Rio de Janeiro. Em um momento de pandemia, ela resultou em treze mortes, corte de energia elétrica, interrupção de ajuda humanitária e suspensão de doação de cestas básicas, água e produtos de higiene. Essa operação, inclusive, repercutiu nacional e internacionalmente, e serviu de embasamento para a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental[25] (ADPF) 635, usada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) para proibir operações militares em comunidades do Rio de Janeiro enquanto durasse a pandemia, com exceção de casos extremos. De todo modo, na representação metafórica VIDA É UMA BATALHA/CONFLITO, o Estado assume o lado oposto aos moradores, porque o texto o coloca como oponente e como agente da violência, não como defensor do perigo que o vírus representou aos moradores. Aqui, identificamos as metáforas situadas: *Estado é adversário da favela* e *Estado* é agente da violência. Mais uma vez destacamos que, embora essas metáforas não estejam explicitadas no texto, elas são, à luz da ADC, analiticamente, recuperadas como significados representacionais que, além disso, são reforçados pelo item lexical "chacina" e pela expressão "treze mortos". Logo, também identificamos que violência e mortes promovidas pelo Estado são evidências de uma necropolítica brasileira em áreas socialmente vulnerabilizadas.

Esses significados do discurso nos levam a questionar se as experiências sociais que motivaram seu surgimento não estão, de fato, sob o jugo do dispositivo necropolítico. Afinal de contas, não se espera que o Estado obtenha chacina como resultado de suas políticas de segurança pública, ou mesmo que ele seja representado como um adversário dos moradores de periferia. Em representações mais perturbadoras, o Brasil é representado, inclusive, como um assassino que usa técnicas nazistas: "O Brasil é um campo de extermínio!" (Souza, 2022; Malleret, 2022); "Homem morre em câmara de gás de viatura de polícia" (Man [...], 2022).

Tabela 6 – Cenário cognitivo-discursivo 6

| **Representações de vida como batalha/conflito e de Estado como adversário** | |
|---|---|
| **Léxico selecionado do texto** | Chacina, treze mortos, perder, pessoas, violência, vírus. |
| Metáforas no nível estável | VIDA É UMA BATALHA/CONFLITO. |
| **Metáforas no nível episódico** | *Estado é adversário da favela.*<br>*Estado é agente da violência.* |
| **Problemas identificados/Evidências de experiências necropolíticas mapeadas** | |
| Violência estatal/Mortes promovidas pelo Estado. | |

Fonte: Elaboração própria.

[25] As ADPFs têm por objetivo garantir que nenhum ato viole os preceitos fundamentais garantidos pela Constituição Federal.

## 8 Considerações finais

Neste trabalho, buscamos mostrar que as relações entre léxico e metáforas de modo algum estão dissociadas das experiências dos sujeitos do discurso, e que o significado representacional dos textos pode ser recuperado por um conjunto de representações baseadas nas experiências reais dos agentes sociais. Embora ainda não seja razoável afirmar que nossa hipótese supera os indicadores presentes nos cenários cognitivo-discursivos, é possível dizer que os cenários sugerem que muitas experiências sociais em periferias podem ser reflexos de um *modus operandi* necropolítico.

Para examinar nossa hipótese, voltamos a análise para o discurso de quem vive o abandono do poder público, a injustiça estatal, a indiferença dos governantes, a violência gratuita, a segregação espaço-social e a hostilidade provocada por uma política de Estado contaminada pela ilegalidade e pela discriminação de determinados grupos sociais. Os seis cenários cognitivo-discursivos extraídos das falas dos moradores de favelas do Complexo Alemão destacam suas visões (i) sobre a crise e os problemas enfrentados pelas favelas, os quais são constantes e não apenas durante a pandemia de Covid-19: *favela é uma pessoa em crise*, *periferias, quilombos e aldeias são pessoas em crise*, *o poder público é um médico negligente*; (ii) sobre o conceito de isolamento social, o qual não tem relação com aquele estabelecido pelos órgãos e autoridades de saúde durante a pandemia: *isolamento social é ser abandonado pela sociedade*, *isolamento social é ser abandonado pelo poder público*, *isolamento social é ser esquecido pelo poder público*; e (iii) sobre suas experiências com as ações e a atuação do poder público: *o poder público é um agente mirando um fuzil para a favela*, *favela é alvo*, *morador de favela é alvo*, *Estado é adversário da favela*, *Estado é agente da violência*.

Esta amostra pode ser representativa dos problemas recorrentes em outros bairros e comunidades periféricas do Brasil, pois partimos do pressuposto de que muitos problemas semelhantes estão presentes nas mais variadas periferias brasileiras.

## Contribuição dos autores

Ambos os autores contribuíram com a produção do manuscrito. O autor Emerson Santos coletou e analisou os dados e desenvolveu as seções sobre necropolítica e Análise do Discurso Crítica, assim como desenvolveu parte da introdução e da seção sobre Linguística Cognitiva. A autora Paula Lenz contribuiu com os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, com a elaboração do resumo, com a introdução, com a elaboração dos objetivos e com a conclusão, além de ter revisto criticamente parte dos dados, das análises e dos resultados.

# Referências


BRISO, C. B. 'Instead of Doctors, They Send Police to Kill Us': Locked-down Rio Faces Deadly Raids. *The Guardian*, London, 18 maio 2020. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2020/may/18/rio-de-janeiro-police-raid-coronavirus. Acesso em: 29 maio 2022.

CASOS de coronavírus e números de mortes no Brasil em 31 de maio. *G1*, Rio de Janeiro, 31 maio 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/31/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-31-de-maio.ghtml. Acesso em: 22 maio 2022.

CHARTERIS-BLACK, J. Britain as a Container: Immigration Metaphors in the 2005 Election Campaign. *Discourse & Society*, v. 17, n. 5, p. 563-581, 26 set. 2006. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0957926506066345. Acesso em: 12 fev. 2022.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity*: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd., 1999. 176 p.

CRUZ, C. L. da S.; MAIA-PIRES, F. de O.; LUPETTI, M. *Glossário Terminológico da Covid-19*. Brasília: Codamais, 2020. Disponível em: https://covid19.lexic.com.br/index.php?letra=I. Acesso em: 16 de mar. 2022.

DESIGUALDADE racial exposta na pandemia. *Uol*, São Paulo, 2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/coronavirus-brasil-supera-os-eua-em-novas-mortes-diarias/#page10. Acesso em: 22 maio 2022.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse*: Textual Analysis for Social Research. Londres: Routledge, 2003. 288 p.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992. 272 p.

FAIRCLOUGH, N.; GRAHAM, P. Marx as a Critical Discourse Analyst: The Genesis of a Critical Method and its Relevance to the Critique of Global Capital. *Sociolinguistic Studies*, v. 3, n. 1, p. 185-229, 2002. DOI: http://dx.doi.org/10.1558/sols.v3i1.185.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 382 p.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990. 295 p.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: o nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 302 p.

GRADY, J. E. *Foundations of Meaning*: Primary metaphors and Primary Scenes. 1997. 299 f. Dissertação (Doutorado de Filosofia em Linguística) – University of California, Berkeley, 1997. Disponível em: https://escholarship.org/uc/item/3g9427m2#main. Acesso em: 12 ago. 2021.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. Londres: Routledge, 2014. 790 p.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2003. 256 p.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh*: the Embodied Mind and its Challenge to Western Thought. New York: Basic Books, 1999. 640 p.

LIMA, P. L. C. A nova tipologia da metáfora conceitual. *Revista de Humanidades e Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 17-26, 2003. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/Textos_Em_Psicolin/Artigos/A%20nova%20tipologia%20da%20met%C3%A1fora%20conceitual.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

LIMA, P. L. C. *Desejar é ter fome*: novas ideias sobre antigas metáforas conceituais. 1999. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. DOI: https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1999.185895. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/185895. Acesso em: 15 abr. 2021.

LIMA, P. L. C.; GIBBS JR., R.; FRANÇOZO, E. Emergência e natureza da metáfora primária Desejar é ter fome. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 40, p. 107-140, 2001. DOI: https://doi.org/10.20396/cel.v40i0.8637123. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637123. Acesso em: 12 fev. 2021.

MORTE 'brutal' e 'chocante' de Genivaldo na câmara de gás da PRF ganha repercussão mundial. *Estadão*, São Paulo, 27 maio 2022. Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/prf-genivaldo-morte-repercussao-internacional/. Acesso em: 29 maio 2022.

MALLERET, C. Outrage in Brazil as Mentally Ill Black Man Dies in Police Car 'Gas Chamber'. *The Guardian*, London, 26 maio 2022. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2022/may/26/brazil-mentally-ill-black-man-dies-gas-police-car?ref=upstract.com&curator=upstract.com&utm_source=upstract.com. Acesso em: 30 maio 2022.

MAN Dies in Police Car 'Gas Chamber'. *The Telegraph*, London, 27 maio 2022. Disponível em: https://www.telegraph.co.uk/world-news/2022/05/27/uproar-brazil-man-dies-police-car-gas-chamber/. Acesso em: 28 maio 2022.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 320 p.

MBEMBE, A. *Necropolitics*. Tradução de Steven Corcoran. Durham: Duke University Press, 2019. 213 p.

MCCOY, T. Rio Police were Ordered to Limit Favela Raids During the Pandemic. They're Still Killing Hundreds of People. *The Washington Post*, Washington DC, 20 maio 2021. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/2021/05/20/brazil-police-rio-jacarezinho-favela-raid/. Acesso em: 29 maio 2022.

MESA online: Diálogos sobre moradia e Covid-19: limites do isolamento nas favelas. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 1 vídeo (2 horas 19 min 55 s). Publicado pelo canal ALAB – Associação de Linguística Aplicada do Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-lrpawf7BYA. Acesso em: 20 fev. 2021.

MUÑOZ, C. Another Police Raid in Rio Leaves 23 Dead. *Human Rights Watch*, New York, 26 maio 2022. Disponível em: https://www.hrw.org/news/2022/05/26/another-police-raid-rio-leaves-23-dead. Acesso em: 30 maio 2022.

RESENDE, V. de M. 'It's not a Matter of Inhumanity': a Critical Discourse Analysis of an Apartment Building Circular on 'Homeless People'. *Discourse & Society*, v. 20, n. 3, p. 363-379, 2009. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0957926509102407. Acesso em: 15 dez. 2021.

RESENDE, V. de M. Análise de Discurso Crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. *In*: RESENDE, V. de M.; REGIS, J. F. da S. (org.). *Outras perspectivas em análise de discurso crítica*. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 11-52.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 158 p.

SAMPAIO, T. Por uma cidade antirracista e o bem viver em São Paulo. *El País*, São Paulo, 28 set. 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-09-28/por-uma-cidade-antirracista-e-o-bem-viver-em-sao-paulo.html. Acesso em: 22 maio 2022.

SANTA ANA, O. S. 'Like an Animal I was Treated': Anti-Immigrant Metaphor in US Public Discourse. *Discourse & Society*, v. 10, n. 2, p. 191-224, 1999. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0957926599010002004. Acesso em: 12 abr. 2021.

SILVA, B. da. O Rio de Janeiro sangra e é sangue do povo preto que sempre escorre. Misturado às lágrimas das famílias negras que perdem pessoas na porta de casa. As balas perdidas sempre encontram os mesmos corpos. Basta

desse genocídio! Rio de Janeiro, 9 jun. 2021. Twitter: @dasilvabenedita. Disponível em: https://mobile.twitter.com/dasilvabenedita/status/1402598534742949893. Acesso em: 9 out. 2021.

SOUZA, R. Policiais transformaram uma viatura em câmara de gás e executaram um homem com transtornos mentais, com seu sobrinho assistindo a tudo, em plena luz do dia. Não há palavras frente a tamanha desumanidade. O Brasil é um campo de extermínio! Rio de Janeiro, 26 maio 2022. Twitter: @renatasouzario. Disponível em: https://twitter.com/renatasouzario/status/1529831608030732290?ref_src=twsrc%5Etfw. Acesso em: 28 maio 2022.

VACCARI, A.; PEDRON, C. D. *Dicionário da Covid-19*. Porto Alegre: Laboratório de Ensino Virtual em Enfermagem, 2020. Disponível em: https://www.ufrgs.br/levi/dicionario-da-covid-19/#page-content. Acesso em: 16 mar. 2022.

VEREZA, S. C. A palavra como arma: metáforas de guerra na conceptualização do antagonismo verbal. *Revista Diadorim*, v. 22, n. 2, p. 367-385, 2020. DOI: https://doi.org/10.35520/diadorim.2020.v22n2a38218. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/38218. Acesso em: 14 jan. 2021.

VEREZA, S. C. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da Linguística Cognitiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 16, n. 3, p. 561-573, set./dez. 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-160303-0416D15. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/4302. Acesso em: 20 jan. 2021.

VEREZA, S. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 109-124, jan./jun. 2013. DOI: https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636598. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636598. Acesso em: 2 jan. 2021.

# Pareceres

Como parte do compromisso assumido pela Revista Brasileira de Linguística Aplicada com a Ciência Aberta, a revista publica os pareceres emitidos a respeito dos trabalhos nela publicados, quando autorizado por todas as partes envolvidas.

## Parecer I.I

O artigo "O Poder Público é um Agente com um Fuzil Mirando para a Favela: metáforas de uma necropolítica brasileira" nos apresenta uma pesquisa realizada a partir da análise de falas de moradores de favelas do Complexo do Alemão, que participaram da mesa online "Diálogos sobre moradia e Covid-19: limites do isolamento nas favelas", promovida pela Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), em 2020, ano em que o Brasil e o mundo foram acometidos pela pandemia.

O texto apresenta rigor teórico notável que fundamenta as análises: Linguística Cognitiva, Análise do Discurso Crítica, Biopolítica, Necropolítica, Teoria da Metáfora Conceitual, Abordagens da Metáfora Situada. Em seguida, o autor/a autora descreve os procedimentos metodológicos adotados antes de discutir os resultados a que chegou, de modo que o leitor não se perde no percurso desenhado em seções e subseções ao longo de todo o artigo. A profundidade teórica se aplica à análise dos dados gerados e as figuras de elaboração própria comprovam a didática do/a autor/a.

A escrita é igualmente impecável: um texto claro, coerente e coeso, o que contribui para a sua compreensão. Fiz algumas sugestões aqui e acolá na superfície do texto que podem ou não ser acolhidas pelo/a autor/a. Nada que comprometa a excelência do artigo que, sem dúvidas, deve ser publicado na RBLA, não apenas pela sua contribuição teórica-conceitual, como também pela análise realizada: as metáforas nas falas dos favelados (do Complexo do Alemão) que denunciam a necropolítica praticada pelo Estado brasileiro, sobretudo nos tempos da pandemia da Covid-19.

Sem mais, parabenizo o/a autor/a pela pesquisa realizada e aqui apresentada.

Parecer emitido em: 16/01/2024.

## Parecer I.II

O/A autor/a atendeu às principais solicitações sugeridas pela parecerista em sua primeira leitura avaliativa, de modo que, nesta segunda leitura, considero que o texto se apresenta pronto para publicação na RBLA.

Cynthia Agra de Brito Neves
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo / Brasil

Parecer emitido em: 27/04/2024.

Data de submissão: 18/07/2022. Data de aprovação: 01/05/2024.